

FILOCTETES: A CARTOGRAFIA DE UM EXILADO

Nelson Marques (UERJ)
marquesnelson@gmx.com

1. Introdução

Para sempre longe, um indivíduo mantém os laços com aquilo que um dia foi deixado para trás. Para sempre longe, esse indivíduo permanece descontinuamente apegado àquilo que levou... àquilo que deixou. Falar do exílio é inevitavelmente falar sobre esse paradoxo de existir no vazio; é discutir sobre como a inexistência de determinadas possibilidades acaba por fazer o indivíduo a trilhar eternamente pelos descaminhos da solidão.

A contextura que desponta deste trabalho surge dos dilemas provocados pelas fraturas incuráveis entre um ser humano e o seu lugar natal (SAID, 2001, p. 46). São elas que trarão à tona para esta pesquisa os gritos lancinantes de um sofrimento mítico comprovando o quanto o teatro e, em particular, a tragédia, ensaia relevante fonte de pesquisas nos estudos referentes à condição do exilado.

Talvez alguns se perguntem por que precisaríamos retomar antigos mitos gregos a fim de problematizarmos acerca das formas jurídicas da política moderna. Primeiramente poderíamos aqui lembrar de como ainda é difícil entender e criticar atitudes violentas quando o direito natural⁴¹ nos diz o tempo todo que a violência é inata, ou seja, desde que não se utilize dela em demasia, ela é completamente tolerável. Pensando assim, poderíamos entender a atitude violenta dos companheiros de Filoctetes à luz da visão darwinista sobre seleção natural, isto é, abandoná-lo em Lemnos significava apenas a sobrevivência dos mais fortes. Mais não estaríamos assim reduzindo a existência justa de um indivíduo à mera

⁴¹ Referimo-nos aqui as distinções feitas por Walter Benjamin (2011) entre direito natural (violência é um produto da natureza) e direito positivo (violência é um produto do devir histórico) p. 123,124.

existência de alguém (BENJAMIN, 2011, p. 123 e 153)? Por outro lado, a forma com que os mitos foram reelaborados pelos grandes tragediógrafos clássicos – Ésquilo, Sófocles e Eurípides – foi de tal modo sofisticada que os tornou aparentemente uma fonte inesgotável de trocas culturais entre passado e presente, entre presente e futuro.

Neste trabalho, nossas atenções estarão voltadas para os possíveis diálogos estabelecidos a partir das relações exílicas advindas de uma chaga. Em um momento ele está ao lado de seus companheiros lutando pela honra dos gregos, em outro está só e desonrado por esses mesmos gregos. Filoctetes é o anestioj (“anéstios”), o apolij (“ápolis”), o anomoj (“ánomos”), o apoikia (“apoiakía”), em suma, o exilado por excelência.

Por fim, através de uma intertextualidade lírica e contemporânea, esta pesquisa discutirá (rediscutirá) o emaranhado de violações que exclui sem misericórdias e pode ajudar a tentar entender o diálogo proposto por Vernant (1999) entre um passado clássico e um presente trans-histórico.

2. *Pertencimento e identidade*

Mas eu sou o exilado.

Leva-me como um verso de minha tragédia.

(Mahmoud Darwish)

O conceito de cidadania teve diversos significados durante a evolução das sociedades, isso é fato. Porém, também é fato que a noção de pertencimento sempre foi fundamental para que o homem pudesse usufruir de sua própria identidade. Zygmunt Bauman, a saber, corrobora com tal pensamento quando diz ser a segurança algo essencial para o entendimento concreto da referida noção e ajuda-nos a entender o real sentido de identidade. Para o pensador polonês pertencimento e identidade não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida (BAUMAN, 2004, p. 17) e é justamente essa fluidez que viverá Filoctetes ao deixar de ser um guerreiro essencial para o seu grupo e se tornar apenas

um estorvo. O herói grego em questão torna-se, pois, uma representação mítica do ser abandonado à própria sorte por conta de uma grave doença, perdendo assim não só sua identidade como a sua própria noção de pertencimento. Antes peça-chave na engrenagem de um grupo e agora um ser incapaz de controlar sua dor, ele tem sua vida esvaída pelo decreto intransigente de líderes autoritários, transformando-se assim em um morto social (VERNANT; VIDAL-NAQUET, 1988, p. 178).

Versões antigas do mito de Filoctetes contam-nos sobre um herói que tinha sido um dos pretendentes da bela Helena e mais tarde juntara-se à expedição grega contra Troia. Quando os gregos fizeram escala na Ilha de Tênedos, o guerreiro foi picado no pé por uma serpente. Seus companheiros ainda o levaram a bordo, mas a ferida infectou, causando um cheiro tão fétido que Odisseu e Agamémnon consideraram não ser possível que ele prosseguisse junto na viagem. Assim, deixaram-no na ilha de Lemnos. Abandonado e desprezado, Filoctetes sobrevive na ilha à procura daquela partícula esquecida em algum lugar que jamais será o que já foi um dia. Ele passa a pertencer ao presente, sem despertecer ao passado; está sem nunca ter sido. Sua condição naquele momento é uma espécie de começar o depois sem na verdade jamais ter terminado o antes, em outras palavras, o exilado por excelência aqui é uma espécie de representação paradoxal e simbólica da antiga ideia grega de apoiki/a, termo que, de acordo com o historiador inglês James Whitley, pode ser interpretado como “home away from home” (WHITLEY, 2001, p. 124).

Encenada em 409 a.C., a tragédia de Sófocles (496-406 a.C.) tem início justamente dez anos após esse abandono, com Odisseu e o jovem filho de Aquiles, Neoptólemo, tentando convencer o moribundo a voltar para a guerra, pois segundo uma profecia, Troia só seria derrotada com o retorno de Filoctetes aos campos de batalha. Na Antiguidade Clássica, o mito não foi revisitado apenas pelo tragediógrafo ateniense, no entanto sua versão foi a única que nos chegou em sua totalidade. E é ela que dissecou em uma profundidade assustadora a solidão do herói sem pátria; é ela que nos faz questionar os verdadeiros significados das palavras

exílio e identidade. Entendendo o exílio como uma forma de violação dos direitos humanos, aproximamo-nos melhor de nossas pretensões: mostrar o quanto a tragédia Filoctetes clareia a ideia de como tais direitos precisam ser entendidos não como uma espécie de concessão de uma sociedade para com seus indivíduos, mas sim como prerrogativas inerentes à condição humana.

Podemos dizer que a tragédia exílica de Sófocles traz à tona também através de seus dois heróis antagônicos – Odisseu e Filoctetes – talvez o seu aspecto mais contemporâneo. Ao impor o banimento ao maior dos arqueiros aqueus, Odisseu fará de Filoctetes não apenas um simples fora da lei; ele causará algo pior, fará com que o herói trágico seja um abandonado da lei, ou melhor, alguém exposto e colocado em risco no limiar em que vida e direito, se confundem. Por outro lado, Odisseu ao voltar a Lemnos para “resgatar” o exilado, acaba por suspender a validade da própria lei imposta por ele dez anos antes, colocando-se assim legalmente fora da lei e constituindo, destarte, o que Agambem chamará de paradoxo da soberania. (AGAMBEN, 2012, p. 34-35)

Sabemos que em uma primeira leitura, Filoctetes – talvez a mais solitária e a mais ultrajada das personagens clássicas – desperta em seu espectador um nauseante sentimento de repulsa, todavia em leituras mais aprofundadas vamos percebendo que a repulsa maior não é aquela causada pela podridão de sua ferida e, sim, a causada pela injustiça dos homens, aquela que nos faz lembrar o tempo todo que se não formos “perfeitos” certamente nos tornaremos excluídos, postos de lado. Tal repulsa enfim nos obriga a decidir como agir diante dessa “não perfeição”, mais ainda, ela nos obriga a enfrentar sem obviedades um dogma na questão do direito: fins justos podem ser aplicados por meios justificados, meios justificados podem ser aplicados para fins justos (BENJAMIN, 2011, p. 124)?

2.1.A descontinuidade (continuidade) do ser e do estar

A palavra Filoctetes é, segundo a estrutura de formação de palavras no grego, uma palavra derivada, isto é, aquela surgida do processo que cria novos termos acrescentando-se sufixos. De um modo geral, nesse tipo de composição, os radicais de substantivos são com frequência, pospositivos, exceto com relação aos radicais de verbos, caso em que estes são pospositivos e os primeiros tornam-se prepositivos (Cf. HORTA, tomo I, p. 405). Costuma-se ir para o fim do radical composto, geralmente o determinado, que apresenta o conceito mais importante, precedido dos seus determinantes. Retomemos para exemplificar tal processo com o nome Φιλοκτήτης: της (“thj”) é o sufixo que indica o autor da ação, a profissão ou o agente do processo verbal ligado ao radical composto por φιλέω (“amar”) e pelo verbo κτάομαι (“possuir”) e significando, portanto, “aquele que ama possuir” ou então “aquele que ama suas possessões”⁴². Horta nos diz (p. 406), contudo, que essa leitura do nome Filoctetes foge à regra mencionada anteriormente, fazendo com que ela não seja absoluta, ou seja, nesse caso inverte-se as posições e o determinado passa a ser prepositivo, enquanto os determinantes vêm, excepcionalmente, pospostos. Filoctetes seria analisado etimologicamente então deste modo: φιλ λοj (“Fi/loj”) – amigo, que ama; Κθ – κτα ομαι (“Kth” – “kta/omai”) – obter, possuir; της (“Thj”) – sufixo que indica o autor da ação, a profissão ou o agente do processo verbal. Teríamos, desse modo, “aquele que obtém – faz – mantém amigos”.

Feitas as devidas considerações, analisaremos então as duas possibilidades do nome Filoctetes a fim de entendermos como se dá a descontinuidade do ser e do estar do herói trágico de Sófocles. Elas nos ajudarão também a perceber como o mito em questão se constrói (e se reconstrói) através de dois momentos bem distintos de sua trajetória: glória e ruína.

Na fase inicial do mito, Filoctetes – o que ama possuir – é o herói que vai passando pela vida possuindo conquistas, fama, cre-

⁴² Segundo a obra *Gods, Goddesses, and Mythology*, vol. 10, p. 1118.

dibilidade, enfim aquele que constrói uma trajetória detentora de êxitos:

... é um dos jovens homens que recebeu um dos mais famosos presentes da mitologia grega: o arco e as flechas que pertenciam originalmente a Hércules. [...] Como muitos dos reis que viveram no período da Guerra de Troia, é dito em uma das versões do mito que Filoctetes foi um dos pretendentes à mão de Helena.⁴³ (Tradução nossa)

Os que lavravam Metone, bem como os heróis de Taumácia, de Melibeia, também, e Olizona de chão pedregoso, por Filoctetes trazidos chegaram, archeiro famoso, em sete navas, contendo cada cinquenta remeiros, todos dotados de força e habituados ao tiro com o arco (*Iliada*, II, 710).

Confiança de um deus, armas divinas, credibilidade junto a um enorme contingente bélico. De fato, passagens significativas e possuidoras de uma série de grandes feitos que contrastarão em demasia com o momento seguinte do filho de Peantes.

As consequências da segunda etapa da história do mito – o sofrimento e a solidão – serão justamente as que Sófocles irá se apropriar para construir seu texto dramático. Após perder tudo e todos e padecer ao longo de décadas de exílio a ponto de se tornar apenas uma sombra do que fora antes, o Filoctetes sofocliano precisará enfrentar ainda com o que lhe resta de humanidade seu maior desafio: a sua própria inflexibilidade. Entender o “amor a suas possessões” seria entender a força de seu ódio contra aqueles que o deixaram na ilha e as convicções de que fora vítima de uma doença sem fim:

Os cafajestes que me rejeitaram riem da boca para dentro, e a última coisa mais e mais do pé! [...] Dois líderes e o rei dos cefalênios, me arrojaram aqui, sozinho – torpes! – corroendo-me a ferida aguda, vítima do fel da serpe matadora de homens. E eles partiram, me deixando a sós com a necrose... (v. 256-270) [...] A minha vida é um lixo, mas me curo dos surtos só de vê-los moribundos! (v. 1043-1044)

⁴³ *God, Goddess and Mythology*, vol. 10, p. 1118 “...and as a young man received on of the most famous gifts on the Greek legend: the bow and arrows that had formerly belonged to Heracles.” [...] “Like most Greeks of the generation that lived through the Trojan war, Philoctetes is said in some versions to have vied for Helen’s hand.”

Só, necrosado e descrente dos homens, Filoctetes é aquele que não se deixa esquecer das traições e que apenas exige que o tratem como homem e não como coisa⁴⁴. Sua possessão maior nessa etapa a qual o destino o tinha levado é a busca por justiça, a tentativa heráclea em manter algum tipo de humanidade em meio a tantas atrocidades. Filoctetes tenta desesperadamente não apenas suportar as dores insuportáveis de sua ferida, ele tenta não ser um monstro sobrevivente que o exílio obrigatoriamente o forçou a ser na total desordem natural das coisas.

A segunda etimologia parece também nos mostrar o tempo todo a luta de um herói que se recusa obstinadamente a ceder, pois ser “aquele que obtém e mantém amigos” conserva vivo seu pequeno lampejo de esperança. Logo na primeira fala, ele busca contato com o jovem Neoptólemo e o coro de marinheiros de modo ingênuo: “Quem sois? O estilo do vestuário evoca em mim a Hélade adorável! Quero ouvir como falais.” (v. 223) Um pouco mais à frente ficamos sabendo que outros marujos já haviam aparecido na ilha, no entanto nunca por vontade própria, como deixa clara a seguinte passagem: “Nenhum marujo se aproxima rindo”. (v. 301) Filoctetes parece receber a todos não de modo animalesco como o seu exterior se apresenta, mas com a esperança de seu interior: “Choram comigo, filho, reconfortam-me, não denegam comida, me oferecem um par de roupa, mas ninguém aceita, diante da mais sutil insinuação, levar-me para casa.” (v. 307-310)

A fidelidade ao antigo companheiro de batalhas surge comoventemente quando o desterrado ouve sobre sua morte: “Será que ouvi direito? Aquiles morreu? Antes de prosseguir, confirma!” (v. 331-332) A fé depositada em Neoptólemo se faz então necessária em nome da antiga amizade. Aqui o mais importante é sair do sofrimento através de novos amigos, ele entra por fim na essência daquele que obtém / mantém amigos. Contudo, não mais os amigos dos tempos de glória, mas os possíveis novos amigos que nascerão de sua ruína e trarão a ele a possibilidade de um recomeço.

⁴⁴ Flávio Ribeiro de Oliveira no texto de apresentação da tradução de *Filoctetes* feita por Fernando Brandão dos Santos (1997, p. 15)

Em outras palavras, sua recusa firme e inflexível em querer acreditar que alguém possa dar fim a sua existência deplorável comprova que aquele ser – aparentemente monstruoso – ainda mantém uma sensibilidade que dez anos de devastação física e moral não puderam destruir.

2.2. Perambulando por lugar nenhum: a paisagem trágica

Em determinado momento de sua análise sobre as paisagens gregas, o professor Richard Buxton, diz que nas tragédias *oros* e *polis* frequentemente constituem dois significativos espaços através dos quais a ação é orientada⁴⁵ (BUXTON, 1994, p. 90 – tradução nossa). Já o filólogo alemão Karl Reinhardt em seu estudo sobre a tragédia de Sófocles compara o isolamento de Filoctetes a uma existência abandonada, semelhante a um rochedo ermo ou a um mar amplo (REINHARDT, 2007, p. 197). Partimos, pois, desses dois grandes especialistas de História Antiga para darmos início a nossa análise acerca do espaço exílico do herói sofocliano.

Havíamos dito anteriormente que Sófocles não foi o único tragediógrafo a se debruçar sobre o mito de Filoctetes. Ainda, há resquícios comprovando que o isolamento total do banido não aparece nem em Ésquilo nem em Eurípides:

No Filoctetes de Ésquilo, lamentava-se diante de um coro de lêmnios [...] Eurípides conservou o coro de lêmnios [...] É Sófocles quem transforma Lemnos em uma ilha inteiramente erma, confere ao seu coro a configuração de uma tripulação de um navio, amplifica solidão [...] (REINHARDT, 2007, p. 187)

Antes da chegada das outras personagens à ação, Filoctetes convivia diariamente apenas com a vastidão de uma paisagem ostensivamente deserta. Paisagem composta pelo mar, pelas montanhas e sobretudo pela caverna, que durante décadas foi a sua única possibilidade de lar. É nesse cenário que Filoctetes vai aos poucos perdendo a sua humanidade e ganhando um aspecto primitivo, ou

⁴⁵ "In tragedy in particular, *oros* and *polis* often constitute two of the significant spaces in terms of which the action is oriented [...]"

seja, o lugar torna-se, destarte, naquilo que modifica a estrutura pessoal, física de um ser humano. Ao longo dos anos de confinamento em Lemnos, a paisagem vai se tornando de tal modo relevante que é impossível não perceber como ela ganha aspectos prosopopeicos na ação, como, por exemplo, quando o herói descobre a traição do jovem filho de Aquiles e recorre diretamente aos elementos que o cercam há tanto tempo: “Ó portos, ó promontórios, ó companhia de feras montesas, ó rochas escarpadas, a vós, pois não conheço outro a quem me dirigir, lamento, a vós que, presentes, habituados a assistir-me, estas obras me fez o filho de Aquiles!” (v. 935-938) Ou ainda quando já desesperançado dos homens, ele se reporta à segurança de sua velha caverna: “Ó concavidade pétreia, tépida e glacial, não me ausentar daqui jamais – eis o que a sina determina!” (v. 1081) Traições e abandonos moldam um Filoctetes que já não é mais apenas o reflexo de uma paisagem que o cerca, agora ele é a própria natureza, amalgamado e protegido por ela.

Essa solidão em um espaço capaz de transfigurar o ser e com potencial para deixá-lo irreconhecível encontrará repercussão em um importante espaço real. Estamos aqui nos referindo a Tomos, o espaço trágico para qual o poeta Ovídio foi enviado no ano 8 d.C. obedecendo a um edito de Augusto. Sabemos que todo cuidado é pouco quando analisamos um mito em perspectiva de um fato histórico, afinal de contas, não é função do mito querer explicar qualquer tipo de realidade. Contudo, também sabemos “que os mitos dão respostas para as percepções da vida cotidiana, ainda que o grau e a extensão desse processo sejam difíceis de se precisar e quase impossíveis de se quantificar”⁴⁶ (BUXTON, 1994, p. 93 – tradução nossa).

Queremos dizer com isso que não estamos aqui apenas para encontrar ecos no passado. É antes o inverso: queremos a explosão de uma imagem, um passado longínquo ressolado de ecos e que já

⁴⁶ “It is clear that myths feed back into the perceptions of everyday life, even if the level and extend of this process are hard to pin down and virtually impossible to quantify.”

não vemos onde as profundezas desses ecos vão repercutir e morrer. (BACHELARD, 2012, p. 2)

Pensando nisso é que faremos uma breve aproximação, pois ela se faz inevitável, entre a representação artística e a representação real do exilado. Assim, como uma espécie de espelho, podemos enxergar como o sofrimento e os temores de Filoctetes se refletem na angústia e na dor vividas pelo autor de *Metamorfoses*. Como se saltasse das páginas da tragédia clássica, o poeta latino, por uma decisão arbitrária e até hoje sem explicações consistentes, repete de certa forma a trajetória desumana experienciada por Filoctetes. Lemnos e Tomos são espaços decisivos na construção trágica desses excluídos; o primeiro é o lugar onde “rastros de homem não há, tampouco traços de morada” (v. 2/3), o segundo “é detestável e nada mais triste do que ele poder haver no mundo inteiro” (*Tristes*, livro V, elegia VII). Um é o que não pode dialogar porque não há semelhantes para tal; o outro não dialoga porque lhe faltam palavras e ele já não sabe falar. Mito e realidade desumanizam-se gradativamente buscando a todo custo preservar a esperança de que um dia ganharão o direito de viver civilizadamente na polis.

Lemnos e Tomos explodem a todo instante em pungentes gritos e tristes lamentos de dois seres colocados à margem. Dois seres que lutam desesperadamente para provar que ainda são dignos de serem chamados de cidadãos. Filoctetes é o exímio arqueiro atormentado pelo medo de já ter sido esquecido por seus amigos e parceiros de guerra: Meu nome, a fama do meu desalento, nada sabes da ruína que me oprime? (v. 251-252) Ovídio é o exímio poeta que percebe o quanto a sua solidão o modificou: Lembra que também não sou quem outrora conhecias. Daquele homem resta esta sombra. (*Tristes*, livro III, elegia XI)

Os exílios forçados de um e de outro levam-nos a bifurcações que indicam como o espaço exílico serve para traçar uma cartografia do comportamento humano e deslindar personagens e/ou pessoas que não representam homens isolados, vidas limitadas; mas sim uma universalidade que, sob aquilo circunscrito pelos

grandes mitos diretores do pensamento humano, acabam por ser capazes de romper barreiras culturais, históricas e sociais.

3. *As chagas e as metáforas da doença*

**Que o anjo distraído de Klee
Proteja aqueles de corpo incom-
pleto**

(Donizete Galvão)

É possível continuar a ser aquilo que se foi quando uma grave doença nos abate e nos aniquila? É possível estar seguro quando se está abandonado em meio à precariedade e ao sofrimento? Filoctetes não conseguiu nem uma coisa nem outra. Dez anos de exílio forçado praticamente extirparam sua humanidade quase que por completo; o bravo, o soldado, o viril deram lugar ao fardo, ao andarilho, ao exânime e revelam-nos os dois eixos que iremos tratar neste momento: uma breve reflexão sobre a doença e o sofrimento como formas de exclusão social.

Voltemos ao início da tragédia: Pus manava-lhe dos pés, gangrena corrosiva. Não libávamos, ouvindo-lhe os queixumes, as maldições ecoando em nossas tendas (v. 7-10). Nessa primeira fala, Odisseu deixa claro que Filoctetes estava trazendo para o grupo o tumulto, o descontrole, pois não havia com aqueles gritos ecoando por todo o acampamento possibilidade de um mínimo de organização. Diante disso, os líderes precisavam decidir como deveriam trazer de volta a justiça e a ordem segundo seus padrões organizacionais, afinal de contas, a exceção é uma espécie de exclusão (AGAMBEM, 2012, p. 24). Sendo assim, já que um dos homens não apresentava mais um comportamento que favorecia o coletivo, pelo contrário, sua enfermidade transgredia as prescrições naturais daquela organização, só havia uma solução a ser tomada: o banimento total. A chaga que o fazia diferente do que era iria agora o levar para longe, para aonde se chega apenas por engano (v. 305). Filoctetes começava naquele breve instante a se despertecer de seu bando; e após dez longos anos, o exílio impos-

to por seus outrora companheiros fará dele alguém com perda total de pertencimento e na condição inumana de ser e de estar.

A decisão atroz de largar o corpo disforme de Filoctetes na desértica Ilha de Lemnos é pertinente com aquilo que os gregos antigos valorizavam como ideal social: a glorificação do corpo que tenha um alto valor para os interesses do Estado, ou seja, o corpo era prestigiado por sua alta capacidade atlética, saúde e fertilidade. O herói trágico de Sófocles fere dessa forma aquilo que em Atenas, por exemplo, diz respeito à educação corporal, isto é, o ideal de ser humano belo e bom. Por fim, sendo o corpo o veículo do ser no mundo, (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 122), Filoctetes precisava então desesperadamente encontrar aquele corpo de antes para poder juntar-se aos seus novamente. Ele era antes da ferida O corpo que alcançava os píncaros da glória e recebia do próprio Hércules suas flechas e seu arco divino. Depois da ferida transforma-se em Um corpo sequestrado do convívio dos homens se locomovendo transtornado pela vastidão de uma ilha inabitada.

Os anos passados sem o seu bando e com dores inenarráveis fazem com que seu corpo acabe por se traduzir em um verdadeiro “deserto humano” (v. 691). É a partir dos sintomas da doença que se dá sua total exclusão social, ou seja, seu corpo adoecido o põe em desigual realidade com a vida vivida antes do pútrido ferimento e torna-o um sujeito sem saber e sem poder. Damos-nos conta então de como a decisão dos líderes aqueus está de acordo com aquilo que Susan Sontag, por exemplo, chama de metáfora do exílio, isto é, a exclusão se faz necessária porque algumas doenças epidêmicas sempre foram usadas em um sentido figurado como designativas de desordem social (SONTAG, 1984, p. 16). Ao ser violentamente ferido, Filoctetes não só andarão lado a lado com o caos, como obrigará seus companheiros de viagem a conviverem com uma dor que certamente trará à tona seus piores temores. Cada grito seu é um sinal de que a vida é vulnerável e frágil. Filoctetes é expulso porque involuntariamente levou a morte para dentro do bando e isso para um exército atlético, saudável e bom é simplesmente intolerável.

A ausência de tudo e de todos sofrida pelo arqueiro amigo de Hércules foi tão minuciosamente trabalhada por Sófocles que ficamos a pensar que talvez ele estivesse em uma linha de raciocínio parecida com a de um contemporâneo seu, Antífonte. Segundo o pré-socrático⁴⁷, era hora de se repensar os conceitos entre gregos e bárbaros, os significados entre racional e irracional. Em uma afirmação digna de ser lida em voz alta nesses tempos de (ainda) intolerância, ele nos lembra:

Respiramos, com efeito, no ar, todos, através da boca e das narinas; e rimos aos nos regozijarmos pelo espírito ou choramos ao sentir dor... [...] ... e quem em tudo isso nenhum dentre nós se encontra marcado nem como bárbaro, nem como grego (ANTIFONTE, *apud* CASSIN et al, 1993, p. 102).

4. O diálogo intertextual do mito

**Slackening the pains of ruthless banishment
From his loved home, and from heroic toil.**

(William Wordsworth)

Em uma breve pesquisa através da internet, podemos notar que o mito do exilado de Lemnos praticamente nunca deixou de ser revisitado por dramaturgos, pintores, músicos, poetas... Logo após o Renascimento, por exemplo, Filoctetes retornou em tragédias escritas por Jean-Baptiste Vivien de Chateaubrun e LeHarpe em 1755 e 1783 respectivamente. Já no teatro moderno, o mito parece não ter dado sinais de desgaste, vide as obras de autores de diversas nacionalidades e estilos: André Gide – *Philoctète* (França, 1899), Heiner Müller – *Philoktet* (Alemanha, 1968), Seamus Heaney – *The cure at Troy* (Irlanda, 1990), Oscar Mandel – *L'arc de Philoctète* (Bélgica, 2002).

⁴⁷ Sabendo das contradições envolvendo a história de Antífonte, optamos por utilizar aqui as informações da filóloga e filósofa Barbara Cassin em seu ensaio “Barbarizar” e “Cidadanizar” ou Não se escapa de Antífonte – O sobre a verdade, tradução e comentário. (1993, p. 98-123)

Na pintura, as obras de François-Xavier Fabre (**Fig.1**) e Vincenzo Baldacci (**Fig. 2**) mostram-nos como a dor do herói trágico também foi frequentemente reinventada pelos pincéis dos grandes mestres.



Figura 1 – *Philoctetes*, 1800 óleo sobre tela.

Fonte: <http://viticodevagamundo.blogspot.com.br/2011/10/philoctetes.html>



Figura 2 – *Dying Philoctetes on the island Lemnos*, 1802 1813 óleo sobre tela.

Fonte: [Fonte: http://viticodevagamundo.blogspot.com.br/2011/10/philoctetes.html](http://viticodevagamundo.blogspot.com.br/2011/10/philoctetes.html)

A cada nova etapa, os autores acrescentam, modificam, colaboram e vão definitivamente mexendo na estrutura mítica, afinal de contas, o mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares (ELIADE, 1972, p. 11). Pensando sobre isso, nossos receios tornaram-se imensos na hora de escolher um interlocutor para o mito do homem que após ser ferido não obtém a ajuda de seus companheiros e é afastado do convívio humano. Já vimos que as possibilidades são infundas e qualquer uma delas certamente nos permitiria trilhar um caminho original, todavia, dentre tantas optamos por estabelecer um diálogo lírico com o poema *Filoctetes*, do brasileiro Donizete Galvão (1955-). Nossa escolha se deu basicamente pela chance de perceber o mito no Brasil do século XXI e pela percepção de versos que parecem gritar toda a incompreensão dos estigmatizados. Versos que uma vez mais repercutem a dor do homem interrompido.

Mineiro de Borda do Mato, Galvão publicou em 2010 *O homem inacabado*, título que de certa forma já estabelece uma ponte com as nossas pesquisas. Podemos especular que nesta obra o poeta faz uma série de indagações sobre as misérias do corpo procurando o tempo todo se relacionar com heranças de outras épocas, de outras culturas. Suas linhas poéticas, porém, não caem naquela armadilha de idealizar o ontem, pelo contrário, elas parecem apenas buscar pistas em mares já dantes navegados por outros. É como se tal conjunto poético nos dissesse o tempo todo aquilo que anteriormente foi afirmado por Walter Moser: todos os materiais da história cultural são em princípio reutilizáveis, recicláveis e nada jamais estará definitivamente morto (MOSER, 1989, p. 2). Deter-nos-emos em um único exemplo apenas para que possamos continuar bem próximos às nossas pesquisas iniciais. Prestemos atenção ao poema que pode ser considerado uma metáfora sobre a dor e a solidão; em versos que parecem alongar uma dor inacabada que por séculos reverbera no imaginário nosso de cada dia:

Num átimo,
a picada da serpente.

Abre-se a ferida
 que nunca sara
 que não supura.
 Coleção de escaras
 que saem à unha
 e renascem
 novas crostas.
 Ri da chaga
 aquele que nunca
 foi atingido.
 A dor:
 empecilho.
 A dor:
 veneno.
 Ninguém quer
 sua companhia. (GALVÃO, 2010, p. 11)

Num átimo a vida que era não é mais e o novo trará um corpo deformado, podre, decadente. A poesia deste Filoctetes nascido no contemporâneo aparece como ente sobrenatural, ente capaz de relatar um acontecimento ocorrido em um tempo primordial (ELIADE, 1972, p. 11). Lá atrás, ele tem uma “ferida aguda”, uma “necrose”, uma “chaga funda”; aqui ele tem uma “coleção de escaras que saem à unha”. E desses dois tempos e dessas duas chagas “renascem em novas crostas” diversos Filoctetes que continuarão a se amalgamar pelos fios invisíveis do tempo e do espaço. O eu lírico de Galvão – longe de qualquer escatologia – compreende com sua própria dor o nauseabundo odor da ferida filoctetiana que nunca sara. Seus vocábulos, que não devem ser observados apenas como fruto de uma inspiração mítica, fazem um jogo intertextual que parece o tempo todo querer responder àquele questionamento de Jean-Pierre Vernant sobre o caráter histórico das obras e do gênero trágicos, em outras palavras, o dramático de Sófocles ao atravessar os séculos e refletir no lírico de Donizete Galvão constata a sua permanência no tempo, sua trans-historicidade. (VERNANT; VIDAL-NACQUET, 1999, p. 211)

5. Conclusão

Chegamos ao fim desta análise e pontos de interrogação foram estrategicamente deixados ao longo do trabalho, afinal de contas, são eles que abrirão caminhos para futuras interlocuções. No entanto, uma coisa é certa, o exilado é alguém que foi desabilitado da ordem social por razões que nem sempre a própria razão consegue explicar.

O desfecho do enredo de Sófocles termina exatamente quando Hércules desce do Olimpo para enfim convencer o herói a seguir com os gregos. Para os padrões aristotélicos a tragédia *Filoctetes* não é sua mais bela composição trágica⁴⁸, no entanto, para nós, o herói exilado de Lemnos é realmente trágico porque o dramaturgo, inovando com sua ambientação atípica, fez de seu herói um ser absolutamente desprotegido e injustiçado.

Ler hoje o *Filoctetes* de 409 a.C. é poder transitar entre o atual e o antigo, pois ao entendermos a anacronia do tempo que nos separa daquela invenção dramatúrgica, ficamos livres para poder reutilizar tal material como se fôssemos um historiador que tem o dever de traduzir e precisa compreender o presente pelo passado e o passado pelo presente (BLOCH *apud* LORAUX, 1992, p. 61).

Os gregos criaram o termo estigma para se referirem a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar um mal sobre o status moral de quem os apresentava (GOFFMAN, 2004, p. 5). *Filoctetes* tinha um estigma, ou seja, seu pé necrosado marcava a sua não-cidadania, a sua não-possibilidade de ser. Devemos ter em mente ao lermos esta tragédia que a história continuou (e continua) estigmatizando os corpos que ainda apresentam marcas indeléveis causadas por uma doença. A lepra, a tuberculose, o câncer, o HIV e tantas outras reforçam, portanto, a necessidade que toda sociedade – todo tempo – tem de identificar uma determinada do-

⁴⁸ "(...) que ele (o mito) não passe da infelicidade para a felicidade, mas, pelo contrário, da dita para a desdita (...)" Poética, XIII, 71.

ença com potencial excludente, uma doença capaz de construir identidades sem país, sem família, sem amor.

Filoctetes nos relembra a todo instante de uma dor que ainda dói, que não foi cicatrizada, afinal de contas, se muito amor aproxima o homem da vida, muita dor o separa (CIORAN, 2012, p. 126).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Trad.: Henrique Burigo. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad.: Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

BENJAMIN, Walter. *Escritos sobre o mito e linguagem*. Trad. Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: Duas Cidades, 2011.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário mítico-etimológico*. Petrópolis: Vozes, 1997, 2 vols.

BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia: histórias de deuses e heróis*. Trad.: David Jardim Jr. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BUXTON, Richard. *Imaginary Greece: the contexts of mythology*. Cambridge: University Press, 1994.

CASSIN, Barbara et al. *Gregos, bárbaros, estrangeiros*. Trad.: Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leitão. São Paulo: Editora 34, 1993.

CIORAN, Emil. *Nos cumes do desespero*. Trad.: Fernando Klabin. São Paulo: Hedra, 2012.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. Trad.: Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 1972.

GALVÃO, Donizete. *O homem inacabado*. São Paulo: Portal, 2010.

GOFFMAN, Erving. *Estigma*: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Trad.: Mathias Lambert. Sabotagem, 2004. Disponível em: <https://groups.google.com/forum/#!topic/tousp2009/sEpQVmt9zgo>. Acesso em: 13-08-2013.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Trad.: Victor Jabouille. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2000.

HOMERO. *Ilíada*. Trad.: Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

HORTA, Guida Nedda Barata Parreiras. *Os gregos e seu idioma*, tomo I. 4. ed. Rio de Janeiro: J. di Giorgio, 1990.

KITTO, H. D. F. *A tragédia grega*, vol. II. Trad.: José Manuel Coutinho e Castro. Coimbra: Armênio Amado Editor, Sucessor, 1972.

KURY, Mário da Gama. *Dicionário de mitologia grega e romana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

LORAUX, Nicole. Elogio do anacronismo. In: NOVAES, Adauto. *Tempo e história*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992, p. 57-70.

MARSHALL Cavendish Corporation. *Gods, goddesses, and mythology*. vol. 10, 2005.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Trad.: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MOSER, Walter. *O estudo do não-contemporâneo: historiofagia ou historiografia*. Porto Alegre: PUCRS, [s.d.].

OVÍDIO. *Tristes*. Trad.: Augusto Velloso. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1952.

REINHARDT, Karl. *Sófocles*. Trad.: Oliver Tolle. Brasília: UnB, 2007.

ROMILLY, Jacqueline de. *A tragédia grega*. Trad.: Ivan Martinazzo. Brasília: UNB, 1998.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Trad.: Pedro Maia Soares. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

SÓFOCLES. *Filoctetes*. Trad.: Fernando Brandão dos Santos. São Paulo: Odysseus, 2008.

_____. *Filoctetes*. Trad.: José Ribeiro Pereira. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.

_____. *Filoctetes*. Trad.: Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2009.

SONTAG, Susan. *A doença como metáfora*. Trad.: Márcio Ramalho. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

VERNANT, Jean-Pierre; VIDAL-NAQUET, Pierre. *Mito e tragédia na Grécia antiga I e II*. Vários tradutores. São Paulo: Perspectiva, 1999.

_____. *Mito e tragédia na Grécia antiga I*. Vários tradutores. São Paulo: Brasiliense, 1988.

WHITLEY, James. *The Archaeology of Ancient Greece*. Cambridge: University Press, 2001.